ANNO XXXII. N. 42.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

BIBLIOTHECA DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

DOMINGO 17 DE FEVEREIRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAO' NO NORTE.
Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade ; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior ; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga ; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira ; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues ; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense ; Pará, o Sr. Justiano J. Ramos ; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda : todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns : nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exu' e Ouricury : a 13 e 28.
Goianna e Parahiba : segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal : nas quintas-feiras.

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio : quartas e sabbados.
Relação : terças-feiras e sabbados.
Fazenda : quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio : segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos : segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel : segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel : quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE FEVEREIRO.
6 Lua nova as 7 horas, 23 minutos, 48 segundos da manhãa.
13 Quarto crescente aos 7 minutos e 48 segundos da manhãa.
20 Lua cheia a 7 hora, 30 minutos e 48 segundos da tarde.
29 Quarto minguante aos 19 minutos e 48 segundos da manhãa.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira as 2 horas e 30 minutos da tarde.
Segunda as 2 horas e 6 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
11 Segunda. S. Lazaro b. ; Ss. Clocero, Desidero e Castrense bb.
12 Terça. S. Eulalia v. m. ; Ss. Modesto e Ammonio mm.
13 Quarta. S. Gregorio p. ; S. Catharina de Reis v. ; S. Benigno.
14 Quinta. S. Valentim m. ; Ss. Auxencio e Efebo .
15 Sexta. Ss. Faustino e Jovita mm. ; S. Quelidionio m.
16 Sabbado. Ss. Porfirio, Samuel, Jeremias e Seleuco mm.
17 Domingo 2. da Quaresma. S. Policronio b. ; S. Secundiano.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAÕ NO SUL.
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias ; Bahia, o Sr. D. Duprat Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria Praça da Independencia ns. 6 e 8.

EXTERIOR.

O Exm. arcebispo de Paris acaba de dirigir a seguinte circular aos curas da sua diocese :

« Paris 15 de dezembro de 1855.

« Sr. cura,

« O ministerio da caridade he suave, e, nos tempos em que nos achamos, particularmente saudavel. A igreja o collocou sempre entre seus importantes deveres. He em seu nome que os diaconos o exerciam nos seculos primitivos. Os pagãos não podiam deixar de observar e admirar a actividade de seu zelo no que respeitava aos cuidados dos pobres. Que abundante colheita de obras e de instituições de beneficencia não viram os seculos passados sahir do seio da igreja e florescer ao sopro do espirito christão ! O tempo derribou esse edificio da caridade tal como o christianismo o construira, mas o tempo nada pode sobre o principio que o levantára.

« No meio das ruinas, esse principio immortal e eternamente fecundo poz-se a reedificar sua obra sobre outras bases e com outras proporções. He nosso dever e nossa missão ajuda-lo. Comtudo, a caridade he Deos, *Deus charitas est*, e nós somos os seus ministros. Se em outros tempos os sacerdotes votados ao ministerio da palavra e dos sacramentos, poderam muitas vezes escusar-se sobre outros dos cuidados que exige o ministerio da caridade, he porque a igreja assim havia regulado ; ella mesma havia distribuido as diversas funcções. Mas hoje não he mais assim : se o sacerdote deixasse de se occupar da caridade, outros sem elle, e talvez contra elle, com grande detrimento da igreja e da sociedade occupar-se-hiam della. Bem sabemos que he o cuidado das almas que lhe diz respeito directamente ; mas como a alma esta unida ao corpo, soccorrer a este, he muitas vezes o meio mais seguro para chegar ao allivio da alma e a cura de seus males.

« Em nenhuma parte a beneficencia publica faz esforços mais generosos que em Paris. Animada por um governo que reacha em seus titulos primitivos o empenho de soccorrer as classes necessitadas e laboriosas, (empenho que elle todos os dias preenche tão fielmente,) ella não recua diante de qualquer sacrificio. Mesmo no meio da carestia dos viveres, que torna aos pobres a vida material tão pesada, a cidade de Paris sempre acha em sua munificencia, em sua generosidade o meio de dar o pão a preço commodo a sua immensa população, e deste modo minora-lhe o peso dessa calamidade. A caridade privada rivalisa com a beneficencia publica. Ella he tão engenhosa como fecunda. Ella produz maravilhas a nossos olhos ; qual he a indigencia esquecida em Paris, e que não ache soccorro ou consolação ? Oh ! este espectaculo nos consola no meio de nossas sollicitudes ! Pai dos pobres e interprete de seu reconhecimento, abençoamos todos os seus bemfeitores. Abençoamos especialmente com o paiz esses grandes exemplos de caridade vindos de tão alto, os quaes se esta seguro de encontrar em toda a parte onde ha lagrimas a enchugar, e soffrimentos a mitigar.

« E por tanto, em vista dos rigores deste inverno que começa e que se faz ja sentir, um grito solta-se-nos do coração. Pedimos a caridade christãa a todas as almas compassivas, que redobrem os seus esforços. O que caracterisa a crise que nós atravessamos, he que ella se faz sentir por toda a parte e sobre tudo. A alça dos preços cahe sobre todos os objectos ao mesmo tempo. O comer, o vestir e a morada, tudo tornou-se difficil para o pobre. Felizmente não falta o trabalho, e devemos louvar essa alta solicitude que por toda a parte sabe fazer nascer, conservar e derramar as fontes do trabalho.

« Todavia nas circumstancias actuaes, como o salario do obreiro bastaria as necessidades de sua familia ? E depois, se aquelles que trabalham são menos a lamentar, tambem ha os que não podem trabalhar, porque a idade e as infermidades paralysam as forças. Ah ! saibamos multiplicar os soccorros a medida que as necessidades se multiplicam. Igualemos nosso zelo aos soffrimentos, conservemos, augmentemos todas as nossas obras de caridade. Distribuamos pão, legumes, carne, sopa gratis, fornilhos economicos, soccorros de toda a natureza aos enfermos, casas de trabalho, escolas, asylo para a infancia, patrocinio sob todas as formas, estas obras e outras muitas existem em nossas parochias. Sustentemo-las, e multipliquemo-las neste anno.

« Uma boa pratica que a todos aconselhamos, e da qual as almas caritativas fazem um dever, e que seria de uma grande efficacia, he que no principio do anno, cada um formulando o orçamento das suas despezas, inscrevesse a somma das esmolas que deva fazer no anno, segundo os recursos que tem, e a urgencia das necessidades. Não he mesmo raro verem-se christãos esquecidos deste capitulo tão importante. Como elles ignoram ao justo o que dão, voluntariamente persuadem-se que dão muito e cumprem a lei da caridade. Elles seriam ajudados e desenganados pela conta de suas esmolas, se as praticassem fielmente, e de antemão as fixassem.

« Apezar dessa multidão de obras que fervem no meio de nós, pessoas caridosas nos fizeram observar uma lacuna que seremos empenhados em preencher.

« O pobre pode achar pão. Ha abrigos para a velhice e para a infancia. Os hospitaes se abrem para o pobre em suas enfermidades. Almas caridosas agarram-se a miseria sob todas as suas formas e muitas vezes lutam contra ella com bom resultado. Ha numerosos estabelecimentos de beneficencia ; os ha para receber as vestimentas e os objectos moveis do pobre e lhe fazer sobre penhores, que elle he, ah ! muitissimas vezes obrigado a abandonar, os pequenos emprestimos de que elle tem necessidade. Haja pois, tambem onde elle possa achar as vestimentas e os moveis que lhe são absolutamente necessarios. Fundemos as vestiarias da caridade. Haja a par dos montes pios onde a necessidade força a indigencia a ir se despojar, outros montes-pios onde ella possa se revestir, e achar ao menos com que cobrir sua nudez ! Talvez fosse possivel estabelecer uma destas vestiarias em cada parochia. O bem que assim se fizesse seria consideravel, e esse bem viria muito a proposito no meio dos rigores do inverno

« Tem-se ja tentado essa obra em muitas cidades da provincia, e ella sortio effeito. E porque não seriamos nós bem succedidos em Paris ? Não são as necessidades que nos faltão, nem a caridade, graças a Deos.

Muitas associações mesmo ja nas parochias, muitas conferencias de S. Vicente de Paulo possuem depositos de roupa—e vestimentas de que ellas tirão, para arrimo de seus pobres uma grande utilidade. Generalisemos essa idéa, completemo-la. Alarguemos seus beneficios, se for possivel a todas as parochias. O que se faz mister para isso ?

« Primeiramente, achar um local para esses depositos de vestimentas ; confia-los a guarda, ou das irmães da caridade, ou de senhoras piedosas, ou dos senhores das conferencias de S. Vicente de Paulo.

Depois, contiguo a esses depositos, montar uma fabrica de caridade para reparar as vestimentas ou os moveis que para ahi se trouxerem. Depois, fazer um appelo, não só aos fieis, mas a todas as almas compassivas, para que ellas tragão á vestiaria parochial todos os objectos de que ja não se servem, e que muitas vezes os embaração.

Poderiamos tambem dirigir-nos especialmente aos negociantes. Elles acharião talvez no fundo de seus armazens muitos objectos esquecidos dos quaes não se aproveitão quasi e que poderião enriquecer os nossos armazens da caridade.

« Por esses meios em breve poder-se-ha ter por toda a parte vestiarias bem guarnecidas. Os que tivessem a guarda dellas, sob a direcção dos senhores curas, fariam depois distribuições aos pobres. Que grande beneficio não seria para elles !

« O que reduz as mais das vezes o obreiro a indigencia, he a impossibilidade de ir procurar o trabalho. Logo que elle esta vestido, sahe e pode ainda achar trabalho e um salario. Mas quando o seu vestuario de velho cahe aos pedaços, se lhe falta roupa, e sobretudo se não esta calçado, ve-se forçado a ficar ou em casa e as mais vezes com o despero por companheiro de sua miseria. E se esse tem mulher e filhos, comprehendem-se suas agonias ? Ah ! não seria um suave pensamento o cuidar-se que se o poderia mitigar? Não soffrera elle o frio durante o inverno rigoroso ? Pois bem, parece-nos cruel cuidar que tantos vestidos, que absolutamente de nada nos prestão, que apodressem em nossos armarios, ou servem de pasto a polilha, poderiam servir, se nossa caridade fosse mais engenhosa e mais activa, para cobrir nossos irmãos e abriga-los contra os rigores da estação.

« Sabemos que em muitas casas os vestidos velhos dão-se aos famulos. Não quizeramos priva-los desta renumeração ; mas alem dos que se dão aos criados, ha muitos velhos objectos que de nada servem, e que a caridade poderia utilisar. Os mesmos criados, que muitas vezes são caritativos, poderião de sua parte trazer a vestiaria parochial muitos velhos objectos que lhe são dados, e dos quaes quasi que nenhum proveito tirão. Não hesitamos em lhe fazer a este respeito um appello porquanto a esmola dos pobres he de todas a mais agradavel a Deus

« Façamos pois todos nós, senhor cura, um santo esforço. Induzi nossos parochianos a virem em soccorro para esta obra, que he tão facil, nada lhes custara, e que entretanto he um grande beneficio. Tomai as medidas que vos indicamos, e que achareis com mais particularidade na nota que ajuntamos a nossa carta. Repeti-lhes estas palavras tão tocantes do Divino Mestre : Eu estava nú e vós me destes de vestir, *nudus eram et cooperuistis me*. Senhor, quando he que estivestes nú e nós vos demos de vestir ? Quando fizestes essas cousas ao mais pequeno dentre os povos, não me havieis feito a mim mesmo.

Fazei que elles entendão essas palavras, e que comprehendão as magnificas recompensas unidas ao menor acto de caridade.

Queirei, senhor cura, ler a presente carta Domingo proximo na predica, e confiar em nossos sentimentos os mais affectuosos.

« Marie Dominique-Auguste.
« *arcebispo de Paris* »

« P. S. Até o fim do anno, o senhor cura nos queira fazer conhecer o andamento que lhe tenha sido possivel dar em sua parochia a esta circular relativa ao estabelecimento das vestiarias de caridade.

Nota do que se faz mister para realisar o pensamento das vestiarias parochiaes

1. Procurar um local para se receberem os objetos depositados. De ordinario achar-se-ha nas casas das irmães de caridade ; he ahi que se deve quanto for possivel as estabelecer.

2 Organisar uma officina contigua a cada deposito. Haver alguns obreiros piedosos para concertar os objectos diversos

3. Pedir que se tragão á vestiaria os objectos fora de serviço. Esses objectos de que se pode tirar proveito para os pobres, são muito numerosos. Citaremos as vestimentas, a roupa branca, o calçado despresado ; os cobertores velhos, as camas velhas, colchões, alcatifas, cortinados ; os utensis de casa e de cosinha fora de serviço, os moveis, os guardas-chuvas os aquenta-quartos e os tubos que não servem mais. Tudo isso pode ter sua utilidade. Nada se deve despresar quando se trata dos pobres.

4 Fazer imprimir e distribuir pelas casas a nota seguinte :

S. Ex. o senhor arcebispo, e o Revm cura da parochia, em nome dos pobres os mais desamparados, rogão humildemente aos habitantes desta casa se dignem mandar a vestiaria parochial que acaba de ser fundada na rua de . . os objectos que poderião ter fora de serviço, e que concertados com cuidado se tornarião uteis ao allivio dos pobres.

(*Journal des Debats.*)

Diario de Pernambuco.

Como não faltão por ahi miseraveis infatuados de sabios que, ostentando um deismo de que nada entendem, não se pejão de ridicularisar a santa religião de seus pais, aquella em que nasceram e foram criados, vamos transcrever para confusão delles o pesamento intimo do imperador Napoleão, I isto he, do maior capitão, ou antes do maior homem dos tempos modernos acerca do author dessa mesma religião.

Eis o que se lê nas Memorias do general Bertrand a este respeito :

« He verdade que Jesus Christo propõe a nossa fé uma serie de mysterios, ordena com autoridade que nelles creiamos sem outra rasão mais do que estas palavras : Sou Deos.

« A existencia de Christo he do principio ao fim um tecido todo mysterioso ; mas esse mysterio corresponde as difficuldades que ha em todas as existencias : se o regeitamos, o mundo torna-se um enigma, aceitando-o, temos uma admiravel solução da historia do homem.

« O christianismo tem uma vantagem sobre todos os philosophos e sobre todas as religiões ; os christãos não se illudem, não podem ser accusados de subtileza, nem de vãas dissertações, nem de sophimas. Dizem com simplicidade : Deos relevou quem era, sua revelação he um mysterio ; mas visto que Deos fallou, devemos crê-lo : creiamos.

« O Evangelho possue uma virtude secreta, uma efficacia, um calor que obra sobre o entendimento e que deleita o coração ; meditando nelle experimenta o homem o mesmo que sente quando contempla o céo. O Evangelho não he um livro, he um ente vivo, he uma potencia que invade tudo aquillo que oppõe-se a sua extensão ; eis ali esse livro por excellencia ; o imperador tocou-o com respeito ; não me canso de le-lo, e sempre com o mesmo prazer.

« Jesus Christo não varia, nunca hesita em seu ensino, e a menor affirmação sua tem um cunho de simplicidade, e de profundeza que captiva tanto o ignorante como o sabio por pouca attenção que lhe deem.

« Em nenhuma parte se acha essa serie de bellas ideas, de bellas maximas moraes que desfilão como os batalhões da milicia celeste, e que produzem em nossa alma o mesmo sentimento que experiementamos contemplando a infinita extensão do céo matizado de estrellas em bella noite de verão

« Depois de assenhorear-se do nosso espirito, o Evangelho fiel nos anima. Deos he nosso amigo, nosso pai ; a alma seduzida pela belleza do Evangelho não se governa mais, Deos apodera-se della, dirige-lhe os pensamentos e as faculdades, ella pertence-lhe !

« Jesus Christo he o unico que ousou dizer e affirmar claramente e sem nenhuma hesitação : Sou Deos, o que differe muito de dizer : Sou um Deos. A historia não menciona nenhum individuo que tenha se qualificado com o titulo de Deos no sentido absoluto. Alexandre deu-se por filho de Jupiter, mas a Grecia rio desse embuste, e a apotheose dos imperadores romanos nunca foi cousa seria para os proprios Romanos. Mahomet e Confuccio inculcaram-se por agentes da divindade.

« Jesus Christo apresenta-se e diz : Sou Deos. Funda seu culto com as proprias mãos. Encorpora a si toda a especie humana, so pede-lhe amor ; o que he mais difficil de obter, o que um sabio pede aos seus amigos, um pai a seus filhos, uma esposa ao esposo, elle o exige e obtem. Dahi concluo sua divindade.

« Alexandre, Cezar, Luiz XIV com todo o seu engenho não conseguiram, conquistaram o mundo, e não poderam ter um amigo. Amando nossos filhos, obedecemos a um instincto da natureza. E quantos filhos ingratos ! Se vossos filhos vos amão, general Bertrand, nem vossos beneficios nem a natureza poderão infundir-lhes um amor qual o que os christãos tem a Deos ! Se morresseis vossos filhos se lembrarião de vós despendendo vossa riqueza, porem vossos netos apenas saberião que exististes

« Christo falla, e dahi em diante as gerações pertencem-lhe por laços mas estreitos, mas intimos que os do sangue ; elle atea as chammas de um amor que jamais se extingue, e que prevalece sobre qualquer outro ! Seu maior milagre he sem contradicção o reinado da caridade. Todos aquelles que crem sinceramente, sentem seus milagrosos effeitos, amor o proximo como a si mesmo, tornar-se util, consolar os infelizes, não he a tarefa que o divino Salvador nos marcou dando-nos o exemplo ? Ah ! quão satisfeita não fica a consciencia quando pode ter esse gozo ! Caridade adoravel, que alegria não fazes saborear aquelles que sabem praticar-te ! He o fogo sagrado sobre a terra, que o tempo, esse grande destruidor, não pode gastar, nem limitar-lhe a duração. Pela minha parte he o que mais admiro, porque eu, Napoleão, tenho pensado muitas vezes nella, e he o que prova-me a divindade de Jesus Christo.

« Apaixonei multidões que morrião por mim ; mas era mister minha presença, a electricidade de meu olhar, uma palavra minha, então eu ateava o fogo sagrado ; certamente possuo o segredo dessa força magica que enleva o espirito, mas não pude communica-lo aos meus generaes ; mas não tenho o segredo de eternisar meu nome e meu amor nos corações, e de fazer ahi prodigios sem o soccorro da materia.

« Agora estou em Santa Helena, pregado sobre um rochedo. Quem combate e agita-se por mim na Europa ? quem permaneceu-me fiel ? que he feito de meus amigos ? Sim, dous ou tres que sua fidelidade immortalisa, compartilhão, consolão meu exilio. . »

A voz do imperador tomou então um accento particular de profunda tristeza.

« Não permitta Deos que eu faça nenhuma comparação entre o enthusiasmo de meus soldados e a caridade christãa que differem essencialmente quanto as cousas, he ahi justamente que acho a enorme differença do brilho do diadema para o imperio que o amor de Christo impõe aos fieis. Tive a existencia mais brilhante que pode desejar um mortal, e a vossa, Bertrand, reflectia esse brilho assim como o zimborio dos Invalidos dourado por nós reflectia os raios do sol.

« Mas chegaram os revezes, o ouro consumiu-se e com elle o prestigio. A chaga da desgraça, e os ultrajes que me são feitos todos os dias consumem as ultimas particulas. Não somos mais do que chumbo, general Bertrand, e brevemente serei pó.

« Tal he o destino dos grandes homens, Cezar, Alexandre, não são mais do que themas de collegio ; nossas façanhas cahem debaixo da palmatoria de um pedante que nos insulta !

« Quantos juizos diversos se tem feito de Luiz XIV ! Apenas morto, o grande rei foi deixado sosinho em sua alcova ; abandonado pelos cortezãos, talvez objecto de seus motejos, elle não era mais seu senhor. Era um cadaver e o horror de uma decomposição imminente.

Breve chegara a minha vez ; eis o destino do grande Napoleão. De que servio tanto estrondo, tantas honras, tanto esplendor ? Que abysmo entre minha profunda miseria e o eterno reinado de Jesus Christo, o qual viveu sem fausto, na pobreza, na abnegação, e depois de sua morte pregado, incensado, adorado, vivendo em todo o universo.

« Eis a morte de Christo, ! eis a morte de Deos. »

O imperador calou-se e vendo que o general Bertrand guardava tambem silencio, disse com viveza : « Não comprehendeis que Christo he Deos ! oh ! então obrei mal em fazer-vos general. »

O Gymnasio Pernambucano, o melhor estabelecimento deste genero que possue a provincia, a nenhum inferior nem no Brasil nem fora delle, começa o segundo anno de sua existencia debaixo de felizes auspicios.

Não queremos dizer com isso que seja mui avultado o numero dos alumnos que o frequentam, nem tal era de esperar attentas as circumstancias melindrosas em que nos achamos ; mas he innegavel que as accusações contra elle levantadas, e os preconceitos entretidos pelos espiritos rotineiros se tem completamente desvanecido em presença da opinião publica que o abona e approva.

Quem ha com effeito ahi que ponha mais em questão a excellencia dessa instituição eminentemente civilisadora ? Quem ha que não reconheça hoje a superioridade da educação dada em commum sobre a que recebem os mancebos no seio das familias ?

Concordamos em que a mulher pode muito fazer pela educação do menino, e até mesmo pela do homem ; porém he incontestavel que na idade que medeia entre a infancia e a virilidade a autoridade materna não basta para calmar esse não sei que, como diz um illustre escriptor contemporaneo, que nella se desperta, essa independencia que nella se faz sentir. Para isso obter he necessario que uma autoridade, com a qual os mancebos não estejam familiarisados vigie sobre elles.

Convencido desta verdade, o legislador provincial, sempre solicito pelo bem desta parte do imperio, cuja prosperidade fora encarregado de promover, resolveu dota-la com um estabelecimento, no qual os jovens alumnos encontrassem a perfeição da educação, isto he, a instrucção misturada com o polidez, a sciencia unida á virtude, a cultura da espirito junta á do caracter.

E para que não houvesse nenhuma duvida a este respeito assim se exprime nos artigos 114 e 115 da respectiva lei :

« A educação do Internato tenderá constantemente a formar o coração dos alumnos e a inspirar-lhes o amor da religião e dos bons costumes, pela palavra e pelo exemplo.

« A instrucção do Internato offerecerá um systema de estudos elementares que abrace as lettras, sciencias e artes, que são indispensaveis aos que se destinarem a escolas superiores, ou aos que pretenderem exercer com vantagem qualquer ramo de industria ou de commercio. »

O que mais pode desejar um pai para a felicidade de seus filhos ? O mancebo que percorrer todo o estadio do Gymnasio, sahirá do estabelecimento com uma grande somma de solidos e variados conhecimentos.

Linguas vivas, linguas sabias, sciencias mathematicas, sciencias philosophicas, sciencias naturaes, bellas artes, lhe nada será estranho ! Elle poderá tambem viver no mundo em paz com seus semelhantes, pois para isso se achará preparado por habitos de condescendencia e affeição contrahidos na sociedade de seus jovens collegas.

O que he com effeito a educação em commum senão um preludio da vida ?

Preparando os mancebos para os costumes e precisões mutuas da sociedade, ella arranca-lhes do coração o feroz egoismo que substitue pela benevolencia, modera-lhes a vaidade, e destrue nelles a colera, a inveja e todas as paixões ardentes.

E seria possivel conseguir-se isso no seio das familias, principalmente entre nós roidos pelo cancro da escravatura ? Certo que não.

A educação isolada poderia ser sufficiente em tempos de simplicidade, mas esses são já passados e provavelmente não voltarão mais.

Queremos que nossos filhos sejam dispostos para as virtudes do mundo ! exclama um douto escriptor moderno, façamo-los pois viver no mundo.

O mundo dos meninos he o Gymnasio, Atheneu, Collegio, ou como quer que lhe queiram chamar. (1)

Não se conclua daqui que, pondo seus filhos n'um desses estabelecimentos, fiquem os pais desobrigados de prestar-lhes outros officios, não ; a familia não deve nunca cessar de estar sempre presente ao menino, qualquer que seja o lugar em que o tenha collocado, ainda mesmo que seja o mais seguro, o mais santo asylo. Sem a influencia natural do seu amor, o Gymnasio não lhe poderá dar essa flor de cultura polida que torna o homem digno de ser amado.

Um philosopho moderno, respondendo ás accusações que de ordinario se fazem á educação dada em commum nos collegios, assim se exprime .

« Muitos maldizem dos collegios, entretanto cumpriria maldizer ainda mais vezes dos pais.

« Os pais faltam á infancia e á mocidade e vingam-se ou consolam-se accusando a educação em commum. E por que razão seria essa educação tão infeliz ou tão impotente ? Sinta-se o menino sempre cercado da influencia da familia, mesmo quando está della mais apartado ; não lhe faltem as animações e os bons conselhos ; faça-lhe o pai ouvir a sua voz de autoridade e a mãi a sua de benevolencia ; seja a gravidade de uma temperada pela doçura da outra ; não lhe seja o collegio sobre tudo jamais mostrado como lugar de punição ; pelo contrario seja-lhe sempre mostrado como um asylo ameno ; una o mestre a sua intelligencia a essa intelligencia cuidadosa e tutelar ; haja concurso de ternas precauções para que o menino deixe desenvolver sua natureza debaixo da impressão de tantas solicitudes ao mesmo tempo que debaixo do contacto dos caracteres que se formam pelos mesmos exemplos e pelos mesmos conselhos, me parece que se experimentará que a educação em commum não he o que se imagina, que pelo contrario ella corresponde a todos os votos que pais desvellados podem fazer pela felicidade de seus charos filhos. »

E quanto custa a um pai para proporcionar a seus filhos as vantagens que o Gymnasio offerece ?

Trinta mil reis mensaes, se o matricular como pensionista, quinze, se quizer somente que seja meio pensionista, isto he, menos que o lucro que tiramos do serviço de um de nossos escravos !

Cremos que nenhum pai se escusará a fazer tão pequeno sacrificio para colher tão grande bem.

Communicados.

DOMINGA SEGUNDA DA QUARESMA.
EVANGELHO DE S. MATHEOS CAP. 17

Jesus Christo levou comsigo para testemunhas de sua gloria tão somente Pedro, Jacob, e João seu irmão, como pessoas que estando em uma ordem mais distincta, eram por isso mesmo expostas ao ciume dos outros companheiros : e sendo ao mesmo tempo tres em numero, eram sufficientes para que testeficassem o facto que haviam presenciado. Não levou comsigo os outros Apostolos porque era necessario excluir Judas deste grande espetaculo, mas não convinha excluilo só e positivamente. Quanto ao lugar, o Salvador Divino conduzio estes tres discipulos ao cume de um monte elevadissimo que por tradição se julga ser o Thabor, proximo cidade de Nazareth, e conforme os interpretes, vinte legoas distantes de Gezaréo, aonde atrasfiguração fora promettida

Chegando ao lugar destinado . Jesus Christo sepos em oração e em quanto orava, o seu rosto parecia inteiramente diverso. não nos traços, mas no esplendor e magestade. Sua face tornou-se brilhante e luminosa como o Sol : seus vestidos penetrados de luz que so intilava de todo o seu corbo, eram semelhantes as nuvens que o sol fere com os seus raios, e se tornão tão candidos e brilhantes como a neve, ostentando uma brancura que não se poderia imitar sobre a terra.

(1) A palavra Gymnasio, grega de origem, designava primitivamente o lugar em que a mocidade se dava a todas as sortes de exercicios corporeos, taes como a corrida, o salto, o pugilato, etc. ; hoje, porém, principalmente na Allemanha, he tomada em outra accepção, e designa o mesmo que em França se entende por Collegio, e na Belgica por Atheneu ; isto he, uma escola que, supponde nos discipulos o que constitue a instrucção primaria, habilita-os para receberem uma instrucção superior.

Tal he o nosso Gymnasio.

Deste modo deixou se ver transfigurado, e não foi se não ainterrupção de outro milagre ainda maior.

Esta gloria, de que Jesus Christo appareceu revestido por alguns instantes, não era mais do que a consequencia natural da união da Divindade com a natureza humana. Esta torrente de luz do Verbo Divino sobre a sua alma, e da sua alma sobre seu corpo, estava como abafada desde o momento da sua incarnação e esta supressão foi um prodigio ainda maior do que o eclipse do sol, que a conteceu na morte do Salvador, e que durou tres horas inteiras. A transfiguração foi como uma pequena suspenção, em que Jesus Christo deixou escapar alguns raios de sua gloria que vivia oculta, de baixo dos véos da humanidade.

Os dois mais celebres Prophetas do antigo testamento, Moyses, e Elias, ambos em seu proprio corpo, e com um ar magestozo estavão em conversação com o verbo Divino lhes fallavão do modo pelo qual deveria terminar a sua vida em Jeruzalem. Pedro e seus companheiros que se achavão opprimidos pelas fadigas e pelo somno, dispertão com a brilhante luz que lhes feria os olhos, e pela conversação dos Prophetas, e os conheceram, ou por uma revelação fiszesse, ou por algumas palavras que os tivesse distinguir.

A conversação hia acabar e os Prophetas tinham de ausentar-se, quando Pedro transportado, e fora de si, pelo que havia presenciado, e saudoso ao mesmo tempo pela ausencia dos Prophetas, propoz um meio de os demorar.—Senhor (diz elle a Jesus Christo) nós aqui estamos bem, e se vos agrada, levantemos aqui tres pavilhões um para vós, outro para Moyses, e o terceiro para Elias.

O Apostolo não sabia o que acabava depropor. Jesus Christo não se devia demorar no Thabor, porque devia ir para Jeruzalem concluir por seu sacrifio a missão que havia comessado.

Pedro não sabia mesmo que os corpos gloriosos, como os de Moyses e Elias, não precisavão de pavilhões para livrar-se das injurias do tempo. Não tinha acabado ainda esta proposição, quando uma nuvem luminosa desceu, e os cobrio.

No mesmo instante os dois Prophetas se elevaram aos ares e esconderam nesta nuvem aos olhos dos descipulos que foram assaltados de espanto e de temor.

Apenas os Prophetas desapareceram, sahio da nuvem uma vós que pronunciou distinctamente estas dalavras.—*He este o meu filho querido no qual tenho feito e em pregado toda a minha affeição*.—Esta era a vóz do Eterno Pae que reconhecia Jesus Christo por seu filho unico, e que confirmava a confissão que Pedro havia feito. Esta vóz autorisava toda a doutrina que Jesus Christo havia pregado e especialmente a da sua morte que elle havia predito.

A estas palavras os Apostolos assaltados de um grande temor cahiram com aface sobre a terra. Quando a vóz se fez ouvir, os Prophetas tinham desaparecido, e Jesus Christo ja se achava só, para se conhecer que era unicamente a elle que se deregia este tão grandioso testemunho.

O Salvador aproximando-se então dos tres descipulos tocou-os com suas proprias mãos para lhes infundir confiança lhes disse—*levantai-vos e não temais*.—

Elles abriram os os olhos, e não achando mais os Prophetas virão unicamente a Jesus Christo, que descendo do monte lhes impoz o preceito de não relirirem o que tinham visto, se não quando tivesse ressuicitado d'entre os mortos.

ORAÇA'O FUNEBRE

Recitada pelo RVm. Padre Francisco Peixoto Duarte, por occasiao' do funeral, que em memoria do Illm. Sr. Dr. Joaquim da Silva Araujo Amazonas, medico-militar, mandaram celebrar seus collegas na matriz da Boa-Vista, em 31 de janeiro de 1856.

Aos ouvintes

« Uma oração funebre não he outra cousa, que um processo, que se forma sobre a vida, e acções do heroe morto. O orador expõe, e refere os factos brilhantes, que o heroe praticou, a verdade preside a esta exposição. He dever do orador rebater as arguições, se algumas se tem feito. O povo escuta, decide ; elle he o juiz. Era costume entre os povos antigos julgar depois de mortos os seus soberanos. Os Egypcios não os sepultavam sem que os julgassem. A morte os entregava ao juizo do povo, e este lhes concedia ou não as honras tumulares »

O Padre *Francisco Peixoto Duarte*.
Recife 31 de janeiro de 1856.

Qui quasi flós egreditur et conteritur, et fugit velat umbra...
Job 14

FOLHETIM.

ORIGINAL DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

A CARTEIRA.

OS MEDICOS.—OS BOTICARIOS.—OS FRADES.—O ADMINISTRADOR DO CEMITERIO.—AS OBRAS PUBLICAS.—A COMPANHIA LYRICA.

Miseria das miserias ! O nosso trabalho ephemero, — mas consciencioso, — as nossas apreciações livres, justas, independentes, — generalisando os factos, e esquecendo sempre as pessoas e os nomes, são recriminadas por certas susceptibilidades de escola ou de systema.

Certos cavalleiros da dignidade alheia se exaltam ao ponto de nos ameaçar com um desafio.

Pois bem ! Digam o que quizerem. Entretanto, responderemos de uma vez para sempre a esses esforçados anonymos, que só veem em nós uma personificação individual, um nome, sob o pseudonymo vulgar de Abdalah-el-Kratif :

A *Carteira* se chama a redacção do *Diario de Pernambuco*.

O que ella pensa, — escreve, e o que escreve he sob toda a sua responsabilidade.

Aceita todas as consequencias. Permanece no terreno imparcial da opinião publica.

E sempre prompta a acolher as ractificações materiaes filhas de algumas informações imperfeitas que tenham desvairado a sua redacção, repelle e despreza os desafios e os odios, que uma susceptibilidade cega possa desprender contra si.

Com tudo esta redacção não quer abrigar-se cobardemente e em segredo sob o véo, aliás bastante transparente, do pseudonymo de que usa.

Este nome he o de um homem, nosso collaborador e amigo.

Escriptor responsavel, he todavia homem, e he em virtude desta ultima qualidade, que elle pretende manter inviolavel em tudo, que declara aos bravos, aos descontentes que bradam e ameaçam, que he Brasileiro, no goso de todos os direitos civis e politicos, e que a todos *individualmente* está prompto a responder e a segui-los sobre qualquer terreno que lhes aprouver escolher.

O homem, escudado com a sua consciencia e dignidade, não recua diante de consequencia alguma dos seus actos.

E se a publicidade não he sufficiente para a satisfação exagerada desses Dons Quichotes offendidos, o escriptor que traça estas linhas, aguarda placido e tranquillo qualquer ataque, e lhes dará resposta sem recuar um passo.

Assim, o que dissemos acerca da cobardia e do egoismo de uma parte dos nossos medicos, ainda repetiremos hoje.

Ou seja verdade ou não, ou seja uma realidade, ou um puro resultado da vontade humana, o que he incontestavel he que, em certas condições da vida, o medico he o allivio, a consolação, a esperança,—a providencia terrestre do doente.

As suas palavras, os seus cuidados, a sua presença, são um balsamo suavissimo para as dores daquelle que soffre qualquer perturbação em sua saude.

E esta influencia benefica, salutar e providencial do medico, que se verifica em circumstancias naturaes, quando um mal he, rigorosamente fallando, individual, e de ordinario uma consequencia do abuso da liberdade,—centuplica de interesse nessas calamidades geraes, filhas de causas desconhecidas, impalpaveis, e estranhas á vontade do homem.

Mas se em uma dessas situações criticas, phenomenaes, em que ás vezes um povo se acha collocado, o medico foge, e evita a presença daquelles que elle he obrigado a soccorrer, não só em virtude do dever geral e sagrado, prescripto pela lei da solidariedade humana, e sanccionado pela justiça eterna, como em virtude do juramento de abnegação e devotação absoluta, que presta no momento solemne em que recebe o diploma, — se em uma dessas situações de perigo universal, dizemos nós, o medico foge, tornar-se então digno das maldições unanimes dos homens, e o seu nome fica como um objecto de execração, de opprobrio, de cobardia absoluta, e uma herança vergonhosa para os seus filhos, innocentes de semelhante crime,

Em consequencia da sua fuga, elle desanima aquelles cujos males devia suavisar e extinguir, augmenta o numero das victimas do flagello commum, e desenvolve as causas do mal, levando-as ao mesmo tempo para o ponto onde se vai abrigar ; e, neste ultimo caso, a sua fuga, além de ser pura fraqueza e cobardia, he um crime, digno do mais severo castigo.

Com effeito, nas circumstancias anormaes em que nos achamos, o procedimento de certos medicos justificaria qualquer acto abitrario do governo, o qual sob o imperio de um poder discrecionario podia caçar-lhes os diplomas, impedir que exercessem as funcções inherentes á profissão, e votar os seus nomes ao estygma publico. Mas, estamos persuadidos que a bondade do governo lhes poupara este sacrificio, aliás bem merecido.

Por outro lado, não he somente em consequencia do medo e da cobardia, que o medico se torna merecedor das censuras e maldições dos homens,—a poltronaria, a preguiça, o egoismo, a avareza, o interesse sordido, são qualidades que o degradam e aviltam sem remissão ; e a nobre missão, e o sacerdocio augusto, que lhe deviam grangear o gradecimento dos contemporaneos e a veneração dos vindouros, se convertem n'um vil, execrando, e abominavel commercio.

O medico que dignifica este nome não se pertence, — he a providencia humana daquelles que soffrem ; e a abnegação e o sacrificio da sua individualidade he o unico premio e a unica coroa immaculada á que deve aspirar.

Consta-nos que alguns medicos se tem negado a ir ver enfermos para que hão sido chamados sob pretexto de incommodos frivolos, ou de ser fora de horas, ou de não pertencerem a seu districto.

He este, com effeito, um procedimento digno de censura, e que á semelhança da cobardia e do interesse, torna o medico um ente inutil e desprezivel.

Além dos medicos, ha alguns membros de outra classe, da classe dos boticarios, que, pela avareza que os domina, se tem tornado nesta quadra calamitosa credores de igual, se não de maior desprezo e abominação.

Se a especulação em outro qualquer tempo com os objectos que alliviam os padecimentos do homem, e muitas vezes lhe restituem a saude, he um objecto digno de crueis censuras, de maldição eterna,—a especulação desta natureza, em uma quadra de calamidade publica, he um crime inaudito que chama contra si a punição da lei e da justiça humana.

Entretanto, se temos criticas amargas para estas vergonhas publicas,—se a nossa Nemesis não se cansa de azorragar estas miserias,—o nosso espirito agradecido,—o nosso coração terno e commovido, sabe tecer coroas a esses filhos de Deos, a esses apostolos da humanidade, que não vacillam em sacrificar commodos, liberdade e a propria vida, em favor dos afflictos.

Certamente, se alguns padres e frades, entre nós, desmentem o caracter sagrado de que são revestidos,—existem outros que nesta calamidade se tem mostrado verdadeiros discipulos de Jesus Christo ; e, pondo de parte os prestimosos e incansaveis missionarios capuchinhos, cujos serviços á nossa moralidade publica e particular ninguem pode escurecer,—he inegavel que os religiosos carmelitas são superiores a qualquer elogio, e incontestavelmente a glorificação do clero pernambucano, pela piedade e devoção que tem desenvolvido em favor das victimas da epidemia.

Além destes religiosos benemeritos, varios sacerdotes tem dado, nesta crise, um exemplo de desinteresse e piedade, digno desses padres dos mais bellos tempos da igreja catholica. Honra e gloria a estes heroes da fé e da caridade, os quaes, como verdadeiros ministros de Jesus Christo, não hão de arrefecer, um so instante, o santo zelo e devoção que tem apresentado em favor dos infelizes que atualmente são victimas da epidemia.

Com tudo, sentimos não poder dizer outro tanto ácerca dos religiosos franciscanos ; e, posto que prestemos todo o credito aos motivos que deu o honrado guardião ao governo, julgamos que esses padres senagenarios ainda podem fazer algum serviço.

Com effeito, o arcebispo de Marselha, que foi victima do cholera, o dedicado e digno frei Luiz da ordem Carmelitana, que ha pouco expirou da epidemia, o bispo do Rio de Janeiro, o arcebispo da Bahia e outros muitos sacerdotes dignos deste nome, tambem eram e são da mesma idade que esses velhos respeitaveis do nosso convento de S. Francisco, e todavia prestaram grandes serviços em circumstancias criticas.

Se entre os boticarios da nossa terra existem alguns espiritos desprezivels, vergonha da respectiva classe, e que so são susceptiveis das emoções do interesse sordido, que so attendem ao tinir do ouro,—felizmente para honra e gloria desta mesma classe, existem outros em quem impera o sentimento da dedicação e da generosidade, os quaes na triste situação em que nos achamos ja tem dado provas de verdadeiro desinteresse, offerecendo gratuitamente remedios a população indigente, em quanto durar a epidemia.

Tambem he digno da nossa consideração e respeito o administrador do cemiterio publico, o qual não so regeitou a gratificação pecuniaria que o governo da provincia lhe mandou dar, em consequencia do acrescimo de serviço nocturno á que presentemente está sugeito, como pelo zelo e bom desempenho com que se tem havido nas suas novas funcções.

Em verdade, as previsões quanto as inhumações dos cadaveres feitas pelo cholera, hão sido admiravelmente executadas.

Louvores a estes boticarios que offereceram os seus remedios aos pobres, e a este empregado publico que regeitou uma paga a que tinha direito em favor dos seus irmãos desvalidos.

A caridade, esta virtude evangelica, o apanagio da civilisação moderna, he um meio de equilibrar as desigualdades sociaes, uma fonte de prazer celeste para as almas bem formadas.

Parece que a natureza se conspirou contra nós. Além dos horrores da peste de que somos victimas, fomos sorprendidos por uma grande cheia, que nos causou consideraveis estragos em algumas das nossas obras publicas.

A ponte sobre o rio Camorim já não existe ! Foi completamente arrazada pela corrente das aguas, e os cofres publicos soffreram o prejuizo de perto de trinta contos de reis.

Este resultado era quasi certo, e antes devido a ignorancia humana do que á força das aguas.

Os pilares tinham trinta e tantos palmos de altura e apenas dez de alicerce, e estes ja quasi todos descobertos pela cheia de 1854, em consequencia da natureza das areias sobre que foram construidos.

Assim, era impossivel que qualquer enchente do rio a respeitasse.

A obra fora primitivamente orçada em trinta contos de reis, mas em consequencia dos augmentos reclamados pelos arrematantes, excedia a quarenta.

Isto prova que as obras de certa importancia, as construcções hydraulicas, cuja segurança depende dos processos scientificos, da sua boa fundação, não devem ser arrematadas. — devem ser executadas por administração.

Mas para este fim fora necessario que se reformasse a repartição das obras publicas e se confiasse a direcção a uma pessoa que reunisse habilitações profissionaes, a certo espirito de systema, dotada de iniciativa e que zelasse os interesses do paiz.

Sabemos que com o ordenado de duzentos mil réis mensaes não se podem ter *engenheiros* ; mas então neste caso augmente-se a paga.

Se não os ha na terra venham de fóra. A companhia do Mucury, a cuja frente está o Sr. Ottoni, de cujo patriotismo e amor á liberdade, não se pode duvidar, não hesitou contratar engenheiros estrangeiros.

Sob a pressão da calamidade que nos afflige actualmente, tinhamos comtudo um allivio, alguns momentos de distracção no delicioso prazer que nos proporcionavam os artistas da companhia lyrica, mais infelizmente a noite de 16 he a ultima em que nos será permittido appreciar as notas maviosas de Verdi, Bellini, Donizzeti, etc, animadas e vivificadas pelas vozes desses cysnes emigrados da patria de Dante, Petrarca e Tasso.

Nesta noite destinada totalmente pela empreza para beneficio da companhia, esperamos que os seus esforços continuados, para merecer a aceitação geral, serão destinctamente apreciados, e teremos de ouvir varios trechos de musica interessantes, segundo o programma publicado pelos artistas beneficiados.

E o publico concorrendo generosamente para dar-lhes um attestado, de que sabe apreciar o talento e o verdadeiro merito, fará constar que os Pernambucanos tambem sabem distinguir o artista do charlatão.

E seremos nós filhos espurios do gosto, do sentimento do bello, do lado artistico e poetico da civilisação ?

Dar-se-ha caso que uma provincia como a nossa, onde o commercio e a industria tem um desenvolvimento magnifico, onde os melhoramentos materiaes de toda o genero occupam um lugar distincto, não possa manter uma companhia lyrica, ao passo que o Maranhão, pequeno, quasi ainda nas faxas do progresso, nos da uma lição severa, mandando vir uma companhia completa de canto ?

E que companhia ? Uma das poucas que tem vindo ao Brasil, que reuna em si todos os elementos para poder executar qualquer opera moderna.

Alem das personagens que compõe o grupo dos artistas de canto, o prestimoso emprezario nos trouxe um pintor scenographo, uma [illegible] verdadeiro talento artistico.

Temos pesado por varias vezes [illegible] da inspiração deste artista, cujos trabalhos os Maranhenses mais ditosos do que nós terão a fortuna de applaudir.

Ainda escrevemos estas linhas sob a grata impressão que nos deixou a representação de sabbado passado, e temos para nós que todos os espectadores serão da nossa opinião.

Que execução perfeita, que animação, que inspirações divinas tiveram naquella noite a Sr.ª Rebussini e o Sr. Hippolito, no duetto final !

Estes dous artistas no desempenho deste pedaço de musica se elevaram a um ponto mui alto da arte ; mil louvores lhes tributamos, e comnosco toda opinião geral que unanimemente proclamou o merito real dos dous artistas.

A Senhora Remorini he sempre a Sigana por excellencia.

O Sr. Remorini, apezar de se achar um pouco indisposto, agradou immensamente na aria do terceiro acto ; o estylo e o methodo com a voz sympathica que possue, será sempre geralmente applaudido.

O Sr. Savio, segundo vimos no programma publicado pelos beneficiados, estreará esta noite no lindo romance da opera de *Luiza Mutter* de Verdi, e á vista do que temos observado nos ensaios ha de ser mui apreciado pelos amadores.

Nesta noite em que os artistas á porfia rivalisarão para agradecer ao publico o acolhimento que lhe ha prestado, teremos de ouvir a cavatina de Pollione, na Norma, pelo Sr. Remorini, em que este artista brilha divinamente.

O duetto que se segue da mesma opera com a Sr.ª Remorini, ha executado por estes dous cantores com muita perfeição, e estamos certos que ha de produzir um effeito agradavel no publico.

O Sr. Hippolito, este cantor dotado de grande expressão, nos fará ouvir na linda aria de Beatrix de Tenda, o seu canto apaixonado, animado e perfeito.

De proposito, deixamos para fallar em ultimo lugar na Senhora Rebussini, nesta artista eminentemente. Nesta noite ella nos memoseará com a *Polacca* de Verdi na opera da Jerusalem Libertada.

Este pedaço de musica de uma execução difficilima será desempenhado com toda bravura, que [illegible] triumpho destas difficuldades [illegible] nesta noite de despedida [illegible] na plenitude do [illegible]

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO

MUTILADO

Senhores! — Se me fosse possivel abrir-vos neste momento meu peito, verieis que o coração treme... treme de pezar!... Verieis, que uma mão de ferro, — o mais profundo sentimento — parece querer esmaga-lo!... verieis emfim sua magoa, seu lucto, e sua dor!...

E, senhores, será possivel, que eu, humilde ministro de Jesus Christo, orador de talento tão tenue, de eloquencia tão pobre, possa preencher o fim, que hoje vós todos desejais? Possa descrever-vos o sentimento, o justo sentimento, de que tão profundamente estais possuidos?

E, uma dor descreve-se? Senhores.

E, um pranto amargurado exprime-se?

E, uma saudade consumidora desenha-se?

Não! que quando o coração padece, os labios gelam-se, e o espirito immudece!..

Não! que quando o homem sente .. sente, mas não exprime.

Agora mesmo dizei, senhores, dizei... explicai, descrevei, essas sensações amarguradas, que mao grado vosso, provocam essas lagrimas, que por vossas faces se deslisam! Mas que!... immudeceis?! Ah! deixai, deixai, que ellas corram!... não as enchugueis, que seria forçar a immudecer a voz da amizade, que seria impôr uma lei a natureza... ella, meus senhores, que nestes momentos tão solemnes mais se ostenta nos corações de todos os entes da criação!

Mas eu vos vejo agora, como, que desejosos, de que ainda assim, vos explique o que sentis. Pois bem! Ponde a mão sobre os vossos corações: comprimi-o.. escutai!...

E o que ouvis? Gemidos surdos, lamentos dolorosos, uma agonia insuportavel, rapidos tremores, e no meio de todos estes symptomas occultos o que ouvis?! A voz do coração, que vos diz—*Amazonas!*...

Oh! meu Deos! que este nome... que a lembrança desse nome rasga como o buido punhal fibras de tantos corações!

E, onde, senhores, se occultou de nós esse joven, cuja vida era uma serie de dedicações? Onde existe hoje esse filho querido, irmão extremoso, amigo fiel, cidadão prestimoso, subdito docil, o patrono incansavel da indigencia?

Seu corpo confunde-se com a terra, e sua alma descansa na eternidade!

Santo Deos! Altos são os vossos designios, Senhor, a Vós cumpre marcar no infallivel relogio da Providencia o termo de nossa existencia, e a nós, curvar-nos tremendo aos vossos altos decretos!

Sim, senhores, resignemos-nos, pois não he entre os homens, que a virtude será devidamente premiada. He preciso morrer!...

Era tempo: tinha soado a hora de voar a mansão celeste aquelle espirito benefico e esclarecido, e o anjo da morte obedecendo e um aceno do Senhor Deos dos exercitos vibrou seu machado fatal, ferio aquelle coração de tantas virtudes ornado.

E quem, senhores, e quem neste momento solemne será indifferente a uma perda tão sensivel?

E o que significam essa dor, essas lagrimas e esses suspiros, que partem do imo d'alma, senão, que jamais será extincta a lembrança desse virtuoso medico-militar o Illm. Sr. Dr. Joaquim da Silva Araujo Amazonas, que cerrando os ouvidos aos dolorosos suspiros de sua familia inconsolavel, partio—o—dever—levando em seu coração os lamentos da natureza?

Imaginai, senhores, uma respeitavel matrona, trajando negro crepe, com semblante, onde está pintada a cruel amargura, com seus olhos pisados de chorar, com seu coração ardendo de dôr, com suas mãos comprimindo o coração, para não partir-lhe o peito.. tremula, convulsa, e de joelhos adiante de uma imagem do Senhor.. rodeada de suas prezadas filhas, que como ella padecem, choram e lamentam-se...

He o quadro da natureza...

Imaginai um mancebo transpondo essas ingremes ladeiras, passando—por aquellas aridas travessias, d'aridos sertões — onde a hospitalidade he desconhecida... onde a ferocidade he traduzida pelo nome de—humanidade... passando, dizia eu, inauditas privações, combatendo sempre um nome de Deos e da lei, um *inimigo occulto*, que a passos lentos marcha adiante de si destruindo, implacavel, populações inteiras, derramando o terror por onde a vontade de Deos guia seus passos... imaginai, senhores, esse mancebo abrasado no santo amor da caridade, transpondo todas as difficuldades, para ir levantar d'um leito de agonias, um misero camponez, que luta com as vascas da morte!...

He o quadro do dever!...

Pois bem: reuni esses dous quadros: aquelle dedicai a essa familia inconsolavel —a familia do nunca esquecido Sr. Dr. Amazonas, e este dedicai-o a sua memoria!

Sim, senhores, a morte, que não respeita as leis do dever, e os laços da natureza, embora depois levante-se a aquelle eternos monumentos de gloria, e por esta fine-se um coração de mãi, foi quem zombou de tantas esperanças, de tantos anhelos do porvir brilhante, que se antolhava adiante desse joven, por quem hoje neste templo viemos render os ultimos deveres de amigos, e christãos.

Não ouvis os gemidos dos nossos infelizes irmãos de Papacaça, que ora lutam arca a arca com o terrivel flagello, que a Deos approuve pezar sobre elles? Pois entre esses gemidos ha um mais profundo, mas doloroso—o da perda daquelle, que restituiria a inconsolavel viuva a chara porção de sua alma; ao amigo o amigo; ao filho o pai, e a Papacaça o cidadão prestimoso, se Deos não quizesse chamar a si esse joven dedicado a humanidade soffredôra.

Vós não me respondeis, senhores? Sim! Não ha linguagem mais persuasiva do que aquella, que parte do coração, e só he enunciada pelo silencio da dor...

Permitti, que ainda por momentos eu vos recorde os pontos capitaes da vida publica desse, que hoje tantas familias desvalidas, tantos amigos, e parentes, a illustrada administração provincial, seus collegas e irmãos d'armas carpem sinceramente seu precoce passamento.

Mas ah! poderei eu ainda pronunciar esse nome? Poderei encarar os ministros do Deos vivo trajando negras vestes, sem que sinta no fundo d'alma amarguradas emoções? Poderei ver-vos ainda ensopando vossos lenços nessas lagrimas filhas de uma tão cruel quão duradoura saudade? E todo esse funebre cortejo não dirá tudo? Não dirá, que he fallecido alguem, que fazia a ventura de seus pais?—Seus virtuosos pais, que hoje vivem abysmados na mais profunda dor?

Sim! tudo nos recorda esse dia fatal —o 2 de janeiro de 1856, em que perdemos para sempre, quem deveriamos para sempre ter junto a nós! Sirva-vos porém, senhores, ainda que seja por momentos, de lenitivo a vossas magoas a breve porém honrosa biographia do illustre finado, e prestando-me vós alguma attenção, não fareis favor a mim, honrareis, porém, como demonstrais, a memoria do Illm. Sr. Dr. Joaquim da Silva Araujo Amazonas...

O Illm. Sr. Dr. Joaquim da Silva Araujo Amazonas, filho legitimo do Illm. Sr. Lourenço da Silva Araujo Amazonas, e de sua consorte a Exm.ª Sr.ª D. Maria Rosa do Espirito Santo Amazonas, nasceu na capital da Bahia, em 22 de novembro de 1830.

Desde seus mais tenros annos, que sua intelligencia foi sendo cuidadosamente cultivada por seus pais, e preceptores nos preceitos de uma educação, que nada desmentia a civilisação e religião de que eram fieis sectarios.

Em 1836 deu elle começo aos seus estudos primarios, desenvolvendo-se sempre como um dos primeiros alumnos de suas aulas, merecendo repetidos e justos elogios dos que com tanta gloria leccionavam-no. No centro de muitos jovens onde commummente reina pelas idéas livres do seculo, tanta corrupção, quasi sempre imitada.. o Sr. Dr. Amazonas sempre se destinguio por seu porte grave, maneiras affaveis, e prompta obediencia aos que guiavam a sua educação litteraria.

Concluidos os seus preparatorios no Rio de Janeiro, sempre com admiração de todos, que viam o progresso de sua brilhante intelligencia, matriculou-se na escola de medicina daquella côrte em 1847, onde estudou o 1.º e 2.º anno, vindo terminar a sua carreira lectiva em sua patria, onde formou-se a 18 de dezembro de 1852.

Na côrte do Rio de Janeiro, senhores, deixou o illustre finado numerosos amigos, e as pessoas mais gradas o consideravam como um joven, que devia para o futuro fazer a gloria de sua patria, o ornamento de sua classe, e a ventura de sua familia.

A vocação, senhores, que teve o illustre finado para a sciencia de Hipocrates foi o primeiro degrão, que elle pela mão do anjo da Providencia subio... foi o primeiro degrão do throno celeste, em que hoje, á fé que temos nas misericordias do Eterno nos faz crer, que estará assentado entre os bemaventurados, e para que sejam realisados estes nossos tão pios votos he que aquiviemos hoje, senhores, orar por sua alma.

Oh! pensemos, pensemos em pensamentos tão felizes! He mister, que não nos absorvamos novamente em pensamentos tão dolorosos!

Não he justo, que sobre um painel de tão brilhante colorido, de flores tão viçosas, qual o de crer-mos, que sua alma será generosamente premiada pela mão do Eterno la no imperio dos justos,.. seja apagado por negras tintas, que fará sem duvida gotejar feridas tão recentemente abertas em tantos corações! Prosigamos pois.

Em 1853 foi o illustre finado Sr. Dr. Amazonas para Alagoas, e merecendo uma confiança illimitada do governo foi empregado, como medico na colonia militar Leopoldina.

Foi nessa commissão, bem como foi em todas, que elle desenvolveu uma actividade e espirito de caridade, que maravilhou a todos, que julgavam a juventude incapaz de praticar rasgos de beneficencia.

Nomeado depois para dirigir, como medico engajado o hospital regimental da mesma provincia, desempenhou ainda esta commissão com aquelle zelo e dedicação, que tanto o caracterisavam.

Mas, senhores, uma estrella pairou sobre a cabeça desse mancebo virtuoso. Elle a mirou, sorrio para ella, e disse—he o meu destino, sigamo-lo.—

E, essa estrella pendeu para o Norte.. fulgurou como um meteoro, e desappareceu n'um apice. Elle não a vio mais, porque o seu destino tinha-lhe sido revellado, e cumpria obedecer, cumpria partir para onde a estrella havia pendido, para onde o seu nome já tão conhecido tinha de ficar eternamente gravado nos corações dos Pernambucanos, para onde finalmente tinha de dar o mais edificante exemplo de tantas virtudes recommendaveis.

Em começo de 1854 deixou o Sr. Dr. Amazonas o solo alagoano, vindo para esta capital.

Podeis, senhores, avaliar até que ponto chegou a consideração, que ao Sr. Dr. Amazonas prestaram os nossos bons irmãos da provincia de Alagoas? Lêde as suas jornaes, e de as correspondencias de quasi todas as localidades daquella provincia, e conhecereis, quão profundamente se acham magoados todos aquelles nossos irmãos, que tiveram um dia de entreter relações amigaveis com esse virtuoso mancebo... mas a estrella da sua vida tinha desapparecido... tudo ia-se aproximando a um termo, e elle tão incauto, tão entregue as suas illusões!...

Grande Deos! mitigai, Senhor, mitigai a consternação dessa honrada familia!

Enchugai com o balsamo consolador da resignação o pranto de tantos amigos, de tantos irmãos d'armas, e sciencia, desse, que hoje existe na Eternidade!

Uma nova epocha se abre para o Sr. Dr. Amasonas em sua carreira já tão recheiada de factos eminentemente honrosos

Depois de ter deixado a provincia de Alagôas, e de ter vindo para entre nós partio para a côrte, e alli S. M. o Imperador houve por bem nomea-lo por Decreto de 28 de Setembro de 1854, Cirurgião do Exercito, sendo-lhe designada esta provincia para n'ella prestar seus serviços.

De feito, senhores, o Sr. Dr. Amasonas pela segunda vez pisou o nosso solo; nós o recebemos de braços abertos.

O seu destino o encaminhava ao altar, onde tinha de ser coroado!

Immediatamente addido a um dos corpos da guarnição, foi nomeado a 3 de Fevereiro do anno proximo passado para encarregar-le da vaccina em alguns municipios d'esta provincia, tendo terminado sua commissão em abril desse mesmo anno. Servio no Hospital Regimental para onde entrou a 13 de Dezembro desse anno supracitado e . . . mais que ouço Srs.? Donde partem esses lugubres gemidos? Donde essas vozes sepulchraes? . .

Ei-los que forcejão, . . . ei-los que agonisão! . . . ei-los que me dizem e . . . *por amor de nos veio expirar entre nos; querendo dar-nos a vida de si pouco lembrou-se!* Descançai! descançai nos tumulos, dormi o somno da Eternidade victimas da cholera divina! Não perturbeis com vossos lamentos as minhas ideas. Respeitai a vontade de Deos em quanto que eu, não poderei occultar o momento mais solemne, em que esse illustre finado sellou com o seu passamento inopinado o livro de ouro de sua vida! Sim, senhores, o flagello terivel, que nos cerca de todos os lados havia assomado as barreiras de Papacaça.

O governo provincial sempre solicito em acudir os reclamos dos seus governados, convida ao Sr. Dr. Amasonas para ir em soccorro dos daquella localidade, e elle annuindo a um convite tão humanitario, não corre, vôa ao lugar da ceifa; diz-nos um a deos—abraça aos seus amigos de Alagoas... ergue os olhos ao Ceo, ora com fervor, encommenda a protecção do Ceo a sua inconsolavel familia, por quem elle no centro dos estragos suspira, e chora e . . . . tudo envida, tudo aplaina, tudo facilita para salvar seus irmãos!

Eis, que um ponto negro se divulga no horisonte. . . . . era estrella do seu destino, que sahia do seu leito para vir presidir a hora do seu passamento. . . .

Elle a encara, e reconhece-a: quer sorrir, contrahe-se, e morre...

Vida, mocidade, esperanças, illusões. . . . tudo finou se com um sôpro da morte!

Elle morreu, senhores, ficando porem gravado em nossos corações um nome abençoado! E digão esses infelizes da Soledade quantas vezes esse mancebo não curvou-se para entrar no miseravel tugurio do mendigo afim de levanta-lo do seu leito de dores, e alimentar-lhe o corpo!

Tudo finou-se como um sonho, tudo passou como a sombra evaporou-se como o pó—Pulvis et umbra sumus!

O homem não he mais do que uma sombra fugaz que passa rapida como o pensamento neste valle de miserias, que chamamos-mundo.

Quando se suppõe mais cheio de vida he quando a morte se filtra em seu coração.

Quando pensa, que vive. . . . elle não passa de um cadaver. Se tem uma esperança de vida terá uma eternidade de esquecimento.

Todos os dias todas as horas, todos os instantes ouve-se um lamento de agonias, um brado doloroso. He *ella*, que ferrenha, e de horrenda catadura invade o dourado palacio do potentado, e a humilde choça

do desvalido. Fortuna, brasões, sciencia, tudo desapparece por um golpe do seu machado fatal. E o que resta?

Um nome, ou manchado de crimes, ou coberto de benções

Senhores, sobre nossas cabeças peza a vingança do Céo, que acaba de ferir-nos em um objecto, que nos era tão charo!

O terrivel flagello encara-nos feróz; resignemo-nos, senhores, e não imitemos a esses povos fracos, e baldos de confiança nos homens, e no Céo, que abandonaram seus irmãos luctando com a terrivel epidemia: unamo-nos, cerremo-nos para de commum accordo com o governo soccorrer-mos os afflictos nas horas de seus tormentos, e afinal peçamos para nós—Misericordia, e para os finados **Requiem eternam**.

Senhores, quanto me custa encarar para aquelle tumulo?.,. mas sou um ministro de Jesus Christo, e aos homens como eu he forçoso reprimir os impulsos do coração. Attendei-me por um pouco.

Não ha, senhores, quem neste mundo, não tenha suas illusões; uns as tem mais brilhantes, conforme o circulo de ouro em que gyra, outros menos, todas sempre lisongeiras: até a mesma desgraça tem illusões douradas na morte; pensar nella para o homem desgraçado, he para elle como um sonho irrealisavel.

O homem de milhões quando pensa na morte, senhores, turba-se.... e desejaria obter para si, com seu ouro, um privilegio para não pagar esse tributo infallivel, que a humanidade deposita no altar medonho do genio da morte! Em geral, senhores, todos alimentam-se em doces esperanças, que os vão embalando até que a pendula fatal vibre o lugubre som do terrivel passamento.

Então o homem, que luta com a desgraça ergue seus olhos ao céo como que dizendo —meu Deos, tão cedo?!—Então o homem de milhões ergue os olhos ao céo como que dizendo—meu Deos... de que me serve o ouro em que nado?!—He, senhores, que apparece a realidade, a presença da devastadora parca, que força a conhecer que para a humanidade só ha um appello — uma vida eterna de penas, ou recompensas..

Leitura para Senhoras.

As legendas da roca e do espelho.

(*Por Pitre-Chevalier.*)

Não ha muitos dias que abrindo-se em um castello da Normandia o açafate de uma linda moça que se casava, encontraram-se dentro entre as cachemiras, rendas e joias dous presentes que espantaram a quantos os viram.

Eram uma roca e um espelho.

A roca, de madeira esculpida com paciencia, arte e singeleza raras, representava umas vinte figuras enroladas de alto abaixo. A base acabava em torsal elegante e o vertice mostrava uma oval ôca destinada a receber o canhamo ou o linho.

O espelho de madeira esculpida tambem apresentava duas faces trabalhadas com o mesmo cuidado. Em uma o pequeno espelho de Veneza em seu caxilho herissado de ornatos. Na outra um baixo relevo no qual via-se a decapitação de Holofernes por Judith.

Um sabio antipario reconheceu immediatamente estas duas obras primas do seculo 16. A primeira era a reproducção da famosa roca de casamento que se admira no hotel de Cluny. A segunda era a copia do bello espelho da collecção Sauvageot que tem a honra de figurar na *Media idade e no Renascimento*

Mas esta descoberta não explicava a presença de taes objectos em um açafate de noiva.

A decifração dos dous enigmas estava occulta em um manuscripto que a moça abrio apressurada, por ter reconhecido a lettra do esposo.

Esse manuscripto continha o seguinte:

I.

Legenda da roca.

Origem da roca.—Os patriarchas.—Os selvagens.—Lucrecia.—O dito de Degueselin.—As rocas de nupcias.—A historia da rainha Bertha restabelecida segundo a tradicçaõ hungara.—A sepultura e sella de Payerne.

A origem da roca remonta talvez á mãi do genero humano, ou pelo menos a primeira mulher que substituio os tecidos as peles de aminaes, em seus vestidos e nos de sua familia.

A roca era o attributo essencial da casa patriarchal.

He o primeiro instrumento de civilisação na tribu selvagem e barbara.

Os antigos Romanos fazião della o symbolo da virtude domestica. -Todos os elogios estavam contidos neste retrato de Lucrecia:

Domum mansit. Lanam fecit.

Premaneceu em casa e fiou lãa.

Em todas as povoações do mundo a roca he a arma e o broquel da mulher, a salvaguarda e abastança da casa, a companheira da solidão, o encanto das vigias em commum, o emblema do trabalho paciente e fecundo.

Todos conhecem o dito do grande condestavel Dugueselin, quando prometteu a Inglaterra o seu regaste. «Não ha em França fiandeira alguma, por pobre que seja, que não tire da roca um obolo para resgatar-me.»

Este dito vale uma carta de nobreza nacional. Que escudo póde ostentar uma devisa mais gloriosa e mais immortal?

A roca de casamento era todo o açafate das mulheres de nossos avós.

Lembremo-nos da terna historia da rainha Bertha dos pés grandes, mulher de Pepino, o Curto, e mãi de Carlos Magno.

Os poetas e chronistas modernos tem cortado della a roca de nupcias. He uma infelicidade, uma barbaridade. Outro tanto valeria tirar a flor o seu perfume. Ei-la aqui em toda sua pureza nativa essa historia tal qual a tradição hungara a tem conservado; pois segundo a legenda, a rainha Bertha era da Hungria. Seu pai reinava nessa terra dos bravos, quando Pepino, rei de França lh'a pedio para esposa. Segundo conta a fama, ella era a princeza mais completa de seu tempo.

Não querendo manda-la só a uma côrte longinqua, Branca Flor, sua mãi, fez partir com ella uma pobre rapariga chamada Alista que fora criada em sua companhia e que com ella se parecia como uma irmãa gemea. Desgraçadamente os parentes de Alista acompanharam-na, principalmente Margista, sua mãi; mulher capaz do que se vai ver.

No momento da despedida, Branca Flor dá a Bertha uma roca de casamento delicadamente esculpida como esta, a qual arma-se e desarma-se por um segredo que só ella conhecera, obra prima complicada de um mecanismo da Bohemia.

—Minha filha, lhe diz ella, nos palacios bem como nas choupanas, o trabalho he a partilha da mulher. Fiaras esta roca pensando em mim; ella dobrará teus prazeres e encantará teus enfados. E se Deos nos aproximar um dia aqui na terra, por maiores que sejão as mudanças operadas em nossas pessoas, esta roca será nosso signal de reconhecimento.»

Bertha parte, chega a França e seu casamento com Pepino celebra-se; mas no dia seguinte não he ella que sobe ao throno, he a amiga que todos confundem com ella, he Alista que a velha Margista substituira a rainha.

Quanto á verdadeira rainha, garroteada e açaimada, pelo hungaro Tybers, sobrinho e complice de Margista, foi arrastada ate a floresta do Mano e abandonada ahi aos animaes ferozes .... ou a graça de Deos. Depois de uma noite passada debaixo de um tecto de folhas, nas angustias que he facil de imaginar-se, Bertha crê ser o objecto de uma provação do ceo e promette acabar os dias no retiro sem revelar jamais o seu nascimento e sua desgraça, se Deos lhe conservar a vida.

Cobrando animo então, ella põe-se em marcha e chega á porta de um eremita. O sancto homem, a vista de sua belleza, toma-a por um enviado do demonio, recusa dar-lhe asilo, e atirando-lhe um pedaço de pão, indica-lhe o caminho de uma habitação.

Bertha acha a hospitalidade christãa na casa de Symons pai de familia honesto e rico. Ella ajuda a Constancia, mulher de Symons nos cuidados da casa e ensina a suas filhas Aiglante e Isabel todas as artes da roca, da agulha e do teiar. Em uma palavra, ella torna-se o idolo dos donos da casa e seus amigos.

Fiel ao voto que fizera, Bertha guarda o seu segredo e da-se por uma pobre Alsaciana expulsa pelos rigores de uma madrasta

Entretanto a rainha Branca Flor inquieta pela sorte da filha, de quem não recebe noticias senão por longos intervallos, decide-se a ir vê-la e abraça-la em França, mas por toda a parte nesse paiz he ella recebida por um concerto de maldições Bertha, a princeza tão boa e tão amada, he uma rainha avarenta e sem piedade, que só cuida em enriquecer a custa de seus vassallos oprimidos por suas exacções e caprichos.

A cada passo, Branca Flor he detida por uma victima da filha. Ella atravessa assim todo o reino, crendo ser o ludibrio de um sonho horroroso e finalmente chega a Paris em casa do Pepino, o Curto.

Quer correr logo a abraçar a filha, mas o rei a detem com auctoridade, dizendo que Bertha sentira tanta alegria ao saber de sua vinda que adoecera.

Branca Flor vai ter com Margista, a qual aparta-a ainda mais cruelmente, porem quem poderia encadear uma mãi? A de Bertha, depois de dous dias de combates, entra a força no quarto da filha, o qual encontra em plena obscuridade. Perguntando a causa disso, Margista responde-lhe que assim o prescrevem os medicos, por quanto a menor luz mataria a joven rainha.

—Ao menos ella me fallará; eu lhe ouvirei a voz! exclama Branca Flor, indo sentar-se a cabeceira de Alista, a qual representa seu papel como pode; mas representa o tão mal que a mãi suspeitando o engano, lança-se as cortinas, rasga-as, abre as janellas, arranca a coberta da cama e reconhece Alista no lugar da filha.

Então chamando logo pelo rei e pela côrte, exclama com força: — Prendão-na, prendão-na! não he minha filha que está aqui deitada, mas a filha de Margista, a quem Deos amaldiçõe!

A falsa rainha e sua mãi reclamam contra isso e defendem-se, accusando Branca Flor de demencia...... E Pepino está ao ponto de crê-las e mandar prender a esta, quando ella avista sobre uma meza um cofresinho.

—A roca de nupcias de Bertha! O' Providencia! exclama ella levantando as mãos para o Céo.

E abrindo o cofre, tira delle a roca e diz a Alista:

—Se sois a rainha e minha filha, provai-o armando esta roca, cujo segredo Bertha e eu conhecemos.

O rei fica abalado. Alista e a mãi empallidecem. Não somente ignoram o segredo da roca, senão tambem nunca fiaram um novello, ellas que engordam á custa das que trabalham!

A rainha acaba de confundi-las, armando ella mesma a roca, e entregues por Pepino as torturas, as duas criminosas confessão a impostura.

Margista he queimada em uma praça publica, Tybers he arrastado pelas ruas e enforcado, Alista he mettida no convento de Montmartre e Pepino e Branca Flor partem para a floresta do Mans.

Acharam elles a rainha abandonado e como? Sua busca he longa e cheia ora de esperanças ora de angustias.

Um dia finalmente Pepino, vagando só ao acaso atravez dos bosques, encontra uma rapariga encantadora, simplesmente vestida, fiando a sombra de um olmeiro diante de uma imagem de Nossa Senhora e cantando uma oração pelo bom rei dos Francos.

Elle para, escuta, contempla; uma lembranca vaga e doce agita-lhe o coração.....

—Quem sois, anjo desconhecido! diz elle ajoelhando. Eu sou o rei Pepino e amo-vos.......

Bertha (pois era ella) pertuba-se até ao fundo da alma.

A humilde fiandeira basta-lhe dizer uma palavra para tornar a subir ao throno de França... .., mas o voto que fizera levanta-se entre ella e o rei .... Engana-o, assim como enganara a Symons, e deixa-o para recolher-se á casa......

Todavia Pepino não pode esquecê-la...... Conta sua aventura a Branca Flor e logo o coração da mãi tudo adevinha.

Mas como forçar Bertha a revelar-se sem violar a palavra que dera a Deos?

Branca Flor com um sagaz presentimento levara a roca de nupcias da filha.....

Uma tarde, essa roca, como por milagre, acha-se em casa dos Symons. Todos admiram-na e procuram arma-la, sem o conseguir; depois por consentimento commum dam-na a Bertha como quem melhor a merece.

A rapariga recebe o thesouro com emoção e vai chorar em seu quarto sobre essa lembrança da infancia, pois reconhecera o presente de sua mãi adorada!. . .

Durante oito dias, suspeitando um laço do rei, ella guarda-se com terror de armar a roca....... ; mas pouco a pouco persuade-se de que Deos lh'a restituira, como o unico e ultimo sceptro que lhe convem dahi por diante.—Demais asseguram-lhe que Pepino retirando-se do Mans, se recolhera a capital......

Em summa a rapariga guarnece a roca de linho, arma-a com mão termula e vai fiar junto da imagem de Nossa Senhora.

Ora no momento em que o fuso lhe rolava entre os dedos, no momento em que sua boca repetia o cantico em honra do rei franco, um grande ruido de passos, de bozinas e trombetas retumba em torno della no fundo do bosque.— Pepino e toda sua corte, a familia Symons, os habitantes do paiz e a rainha Branca Flor precipitam-se de sua verde emboscada, cercam a humilde fiandeira consternada, proclamam-na rainha com grandes brados e cahem-lhe aos pés, ou lançam-se-lhe nos braços ....

O primeiro homem que ella vê a seus pés he o rei Pepino; a primeira mulher que aperta ao coração he sua mãi!

Deos assim o quizera, Berta não podia desmenti-lo. A roca revelara a rainha de França e tornara a eleva-la ao throno desobrigando-a de seu voto.

Bem te dizia eu, minha filha, exclama Branca Flor com transporte, *nos palacios assim como nas choupanas o trabalho he a partilha da mulher. Tu fiarás esta roca pensando em mim; ella dobrará teus prazeres e encantará teus enfados. E se Deos nos aproximar aqui na terra, por maiores que sejão as mudanças operadas em nossas pessoas, esta roca será nosso signal de reconhecimento.*

E a rainha Bertha, tendo ao lado sua roca, tornou a entrar em Paris no meio das benções do povo.

Eis aqui como se passavão as cousas,

No tempo em que a rainha Bertha fiara,

como diz a cantiga moderna.

Quando fordes a Payerne, pequena cidade do cantão de Vaud, lá vos mostrarão a sepultura da mulher de Pepino, descoberta em 1817 e a sella em que foi montada quando fez sua entrada em Paris.

A sella está suspensa na igreja á direita do orgão. O sacristão desce-a como um lustre a pedido dos curiosos Ella he de madeira forrada de ferro, madeira e ferro roidos pelos seculos; mas o que vos recommendo que observeis attentamente e o que vos impressionara mais que tudo, he o buraco praticado no lado esquerdo e no qual a boa rainha assentava o cabo da sua roca.

Por que razão se tem exilado do açafate de casamento esse terno attributo da mulher?

Se eu o torno a pôr no vosso, senhora, não he porque queira fazer-vos voltar a roca, mas para render a essa virtude a homenagem mais pura e mais elevada.

Assim acabara o primeiro manuscripto de M. * * *

Eis aqui agora o segundo que acompanhava e esplicava o espelho.

II

LEGENDA DO ESPELHO

Homenagem a belleza.

O primeiro espelho— Narciso—Eva—As negras — As damas romanas — Espelhos de Veneza—Colbert—Thevard— *Conhece-te a ti mesmo* — Os espelhos dos frades de S. Martinho—O espelho magico do doutor Dee—O espelho d'Azor—Um voto—O espelho ardente d'Archimedes — O *Espelho da vaidade*, de mademesella de Fauveau — Conclusão.

O primeiro espelho foi o de Narciso, a agua clara das fontes.

Tornada casquilha depois de ter comido o fructo prohibido, Eva mirou-se no regato que corria a porta do Eden.

A' esse espelho e lementar a arte substituio logo um metal polido, reflectidor insufficiente, que trouxe a invenção do vidro.

As negras vendem suas familias por uma placa de cobre; vendem-se a si mesmas por um pedaço de espelho.

O major Denham, passando por Yeddie no Mandara, escreveu a seguinte curiosa pagina:

«Vi perto de cem negras, entre as quaes algumas mui lindas e de uma ingenuidade encantadora. Não tinha mais que um espelho para mostrar-lhes. Era provavelmente isso o que lhes poderia dar o maior prazer. Uma insistio em trazer a mãi, outra a irmãa afim de ver-se ao lado daquella a quem amava, o que causava-lhe uma alegria ineffavel. Vendo a imagem reflectida no espelho, ellas abraçavam o original com effusão. Uma, mui moça e do semblante mais seductor, obteve a permissão de buscar o filho, e voltou logo trazendo-o nos braços. Sua alegria parecia delirio. Saltaram-lhe lagrimas dos olhos quando vio o resto do menino no espelho, e este de sua parte batia palmas em signal de jubilo.»

As romanas não eram mais sensatas do que as negras a respeito do confidente das graças. Quando abrio-se em Pompéa o palacio de Scaurus, achou-se o camarin de Lollia, sua mulher, cheio de espelhos de metal polido, e de vidro, trazidos da Sidonia.

Os espelhos de crystal foram descobertos em Veneza no seculo XIII. Adquiriram logo uma reputação universal, e concorreram muito para a riqueza da cidade dos doges.

Ella conservou esse monopolio até ao fim do seculo XVII Então Colbert lh'o disputou, e por fim lh'o roubou. Em 1688 Theoard inventou em França o processo dos espelhos vasados, o que deu-lhes largas dimensões.

As casquilhas poderam contemplar-se em pé nos espelhos novos, e aproveitaram-nos para inventar as saias de anquinhas e os toucados pyramidaes.

Durante todo o seculo XVIII cada mulher elegante quiz encher só com sua imagem o reflectidor de seu vestuario ou de sua chaminé, e contemplar até no tecto os anneis que lhe fazia o cabelleireiro.

He da importação das fabricas de vidro em França que datam os leques de espelho, e mesmo os cintos; por quanto as francezas não esqueceram nenhum meio de se estudarem, quer em parte, quer no todo, e de applicarem o preceito do philosopho antigo: *Conhece-te a ti mesmo*. Toda a sabedoria nelle se contém.

A mór parte dellas mostraram-se tão sabias que o pulpito teve de clamar contra esses excessos... philosophicos

Uma casquilha defendeu-se accusando o proprio clero de ter trazido espelhos. Com effeito desde o tempo de Carlos Magno alguns sacerdotes tinham adoptado esse uso, e um antigo chronista cita os frades da ordem de S. Martinho de la Tour, que collocavam espelhos até sobre os sapatos para contemplarem melhor a belleza do habito.

O espelho representou tambem um papel scientifico, e mesmo magico, muito tempo antes da descoberta do magnetismo e da ressurreição das mesas fallantes.

Havia em Londres, no seculo XVI certo doutor chamado João Dée, filho de um mercador de vinhos, que elevando-se de sciencia em sciencia, chegou a astrologia judiciaria, justificando antecipadamente esta definição de Mr. Affonso Karr: «Os sabios são homens que se atolam mais longe do que os outros, porém que se atolam mais.» João Dée affirmava que via o invisivel, lia no futuro, e conjurava os espiritos, tudo por meio de um espelho que chamava magico. Elle mesmo annunciou assim sua descoberta na *Gazeta dos magicos* publicada em Praga em 1584. «Aprouve emfim a Deos enviar-me a luz que eu lhe pedia desde tanto tempo com orações infatigaveis. Senti que os espiritos sobrenaturaes tinham empregado longos annos em instruir-me e haviam-me dado um thesouro tal que nenhum homem ousaria desejar outro semelhante.»

Esse thesouro era simplesmente um pedaço de carvão de pedra cuidadosamente polido, talhado em forma circular, e tendo um cabo de madeira.

Tal era o espelho magico do Dr Dee, que tornou-se tão celebre na Europa.

«Por meio dessa pedra, diz Elias Ashmole no *Theatrum chimicum*, podemos ver todas as pessoas que queremos em qualquer parte do mundo que se achem, embora estejam occultas nos lugares mais secretos, ou mesmo nas entranhas da terra.»

Foi a grande rainha Isabel, quem deu reputação ao espelho magico do Dr. Dée. Em um accesso de zelos ella mandou-o chamar, e perguntou-lhe o que fazia lord Leicester naquelle momento. O doutor mostrou a pedra polida a soberana, a qual vio nella.. o que tinha no pensamento: lord Leicester aos pés de Amy Robsart. Tendo uma devassa confirmado esse facto, a gloria do magico elevou-se até as nuvens. Elle veio a ser o valido de Isabel, e seu conselheiro intimo até ao dia em que ella esqueceu-o, e deixou-o morrer de miseria...

O doutor não vira isso em seu famoso espelho!

Todavia essa obra prima sobreviveu-lhe, e os ricos amadores de Londres a tem disputado entre si até nossos dias. Ella figurou ao principio na collecção do conde de Petersborough, em cujo catalogo era assim mencionada: «Pedra preta, por meio da qual o Dr. Dée evocava os espiritos.» Do gabinete do conde passou ao camarin de lady Elisabeth Germaine, depois foi comprada por lord John, ultimo duque de Argyle, cujo neto, lord Campbell, deu-a ao celebre Horacio Walpole.

Em abril e em maio de 1842 foram vendidas em leilão as curiosidades e objectos de arte reunidos por este em Strawberry—Hill. O espelho do Dr. Dée subio no calor da concarrencia até a somma de trezentos e vinte e seis francos.

Era pouco para um thesouro «superior a todos os thesouros da terra;» mas era bello preço para um pedaço de carvão de pedra lapidado.

Gosto ainda mais do espelho de Azor na opera de Marmontel e de Gretry. Zemira vê nelle pelo menos o pai, as irmãas, os entes que lhe são mais charos no mundo.

Ah! eis o espelho magico, de que a sciencia e a industria deveriam dotar as familias. Um fio de ferro leva nosso pensamento de um a outro lado do universo em poucos segundos. Um carro de fogo nos conduz onde queremos ir com rapidez que excede as botas de sete leguas. Fizemos do gaz o sol da noite, da electricidade nosso correio, da luz nosso pintor instantaneo; realisamos os contos de Scheherazade, de Perrault e de madama de Aulnoy. Mas quantos dariam todas essas maravilhas pelo simples espelho em que vissem a um amigo ausente!

O espelho deveu seu papel scientifico ao grande mechanico de Syracusa Archimedes. Desse instrumento de casquilharia elle fez um instrumento de destruição para o serviço de sua patria sitiada pelos Romanos.

Combinando e manobrando espelhos de maneira que desse aos seus reflexos uma força incendiaria, reduzio a cinzas uma esquadra formidavel impellindo uma mola do fundo de seu gabinete Este facto prodigioso referido por Dion, Diodoro, Zomaras, e Tzetzes, confirmado por Anthemius de Tralles, architecto do templo de Santa Sophia, foi negado por Descartes e discutido pelos sabios até que a experiencia demonstrou sua possibilidade.

O padre Kircher foi o primeiro que tentou construir um espelho ardente. Com cinco vidros lançou fogo a cem pés de distancia. Depois Buffon, nosso grande naturalista, obrando com quarenta vidros de seis pollegadas de altura e oito de largura, queimou a setenta pés uma prancha de faia alcatroada, com cento e vinte e oito vidros abrazou em um minuto a cento e cincoenta pés uma prancha de pinho, com duzentos e oitenta a quarenta pés fundio e volatilisou uma salva de prata. Emfim Peyrard, traductor de Archimedes, construio em 1807 e submetteu a approvação da primeira classe do Instituto um espelho ardente, o qual demonstrou: que com quinhentos e noventa vidros de cincoenta centimetros manobrados por cincoenta homens que dirijam todos os reflexos para um só ponto pode-se realmente incendiar uma armada a um quarto de legua de distancia.

Quem sabe se as guerras maritimas recomeçadas no Oriente não ressuscitarão o espelho de Archimedes, para darem razão a Diodoro e a Peyrard?

A cousa he mais para temer que para desejar.

Voltemos ao confidente das graças. O mais bello espelho moderno depois dos de Veneza e do Renascimento he aquelle que madamesella de Faiveau esculpio, e expoz em Paris em 1839. Ella mesma deu-lhe o titulo de: *Espelho da vaidade*. Pode ser offerecido a arte como typo e a casquilharia feminina como lição.

No alto do quadro ergue-se um pavão ostentando seu leque matisado de pedras, e sustendo com os pés collares, diademas, medalhas e outras joias. De cada lado duas pessoas formando caryatides, um rapaz e uma rapariga com os mais bellos vestuarios do tempo de Luiz XIII acabam de ataviar-se e contemplam-se no espelho. Ao mesmo tempo na base do quadro um diabrete disfarçado em satyro enlaça os pés da casquilha, e arma uma cilada ao Adonis. Emfim outros martyres da vaidade completam a obra e o ensino da artista São pobres cotovias mortas que deixaram se levar como mulheres do attractivo fatal do espelho.

Eis-ahi, senhora, tudo o que pude achar para legenda da minha segunda homenagem. Ella era devida a uma das mais bellas filhas de Eva, assim como a roca áquella que tem as piedosas tradições da rainha Bertha.

Lembre-se de que nossa mãi commum só mirou-se ao sahir do Eden. Não abuse dos espelhos como a mulher de Scaurus, e como suas avós do seculo passado. Isso a dispensará de quebra-los—quando elles lhe mostrarem um cabello branco... no seculo proximo futuro. Não faça pois do espelho um instrumento de incendio para os corações, bem como Archimedes para os navios, e cuide nas cotovias, na cilada, no laço, e no pavão symbolico do *Espelho da vaidade*.

A esposa que recebia estes mimos e estas lições era digna dellas; por quanto no mesmo dia das bodas a roca deu-lhe a idéa de fundar um premio de trabalho e de virtude para as fiandeiras de sua aldeia, e quando contemplou-se em seu lindo espelho do Renascimento achou nelle junto de seu bello semblante o sorrizo de approvação do seu anjo da guarda.

Carta a minha sobrinha.

Da ordem e da economia interior.

Vós me dizeis, minha chara menina, que fostes nomeada por vosso pai ministro do interior; estimo muito esta nomeação, pois ella prova toda a confiança que elle tem em vosso juizo, em vosso bom senso em vosso espirito de ordem. Releva que considereis como um dever de consciencia tornar-vos digna della; mas attendei! administrar bem uma casa não he cousa tão facil como á primeira vista parece. Se não quizerdes ser empregada, importa que penseis mais nos deveres que este alto commando impõe do que no poder que dá.

O primeiro ponto mui importante que cumpre estabelecer e principalmente seguir, he o equilibrio fixo e invariavel no balanço entre vossa despeza e receita, e crêde que se não ficardes persuadida da importancia deste conselho, se não tomardes como regra constante de vossa conducta, tudo irá muito mal em vossa casa.

A fortuna das familias depende da economia das mulheres; os homens occupados de graves interesses, de negocios e trabalhos importantes, são encarregados de grangear o dinheiro necessario a manutenção da casa; as mulheres por sua ordem, por seus cuidados, por suas virtudes domesticas fazem fructificar esse dinheiro, e garantem seus filhos das desgraças inseparaveis da miseria. A primeira por tanto de todas as virtudes he a economia domestica, pois que ella traz em seu seguimento todas as outras.

Uma mulher economica he boa filha, porquanto tem meios de sustentar suas mãis, se esta não se acha em posição abastada, e isso sem lesar sua nova familia.

He boa mãi, porquanto assegura o futuro de seus filos.

He boa esposa, porque introduz em sua casa a prosperidade, a ordem e o descanço.

Não pode, minha filha, fazer uma idéa justa do encanto e da felicidade que reflectem como um benefico raio do sol, sobre tudo o que cerca uma mulher que ajunta ás qualidades brilhantes da sociedade as virtudes mais humildes que fazem della uma dona de casa laboriosa e regrada. Ella governa sem despotismo sendo seu jugo suave a carregar; demais a ordem he tão bem estabelecida em casa della que pouca cousa basta para mante-la. Primeiro que tudo cada um tem seu emprego fixo; isso evita as difficuldades entre os criados, e ficai certa do que quando entre elles não reina a paz, não existe descanço na casa.

Tende por tanto cuidado delles, tratai-os bem; a caridade e a propria dignidade assim o exigem; fallai-lhes sempre com brandura afim de tirar-lhes todo o direito á impertinencia. O orgulho he com elles tão deslocado quanto a familiaridade. Sêde pois somente boa, que assim conservareis sempre o vosso lugar e obriga-los-heis a conservar o delles.

Vede se cumprem seus deveres de religião. Se esquecerem o que devem a Deos, como quereis que se lembrem do que vos devem a vós mesma.

Dai todas as manhãas as ordens para o dia, se quizerdes que o serviço seja bem feito; os criados imitão os amos e exageram-lhes os defeitos.

Uma hora consagrada regularmente cada manhãa aos cuidados da casa basta completamente para nella estabelecer tudo o que de vós exijo. Assim todas as manhãas, deveis contar com vossos criados e todas noites com vosso mesma. Nada faz a gente tão economica como escrever toda sua despeza; percebe-se então quanto dinheiro se gasta em bagatellas insignificantes, em cousas superfluas e pouco a pouco, quasi mesmo sem o perceber, e principalmente sem se privar acaba a gente por esgotar o curso desses riachinhos que sem esse acto de prudencia teriam um dia formado esses grandes rios chamados *disperdicios*; rios terriveis que arrastam e fazem sossobrar muitas vezes as mais solidas fortunas.

Eis um quadro mais carregado que espantoso, direis vós, sobre as consequencias que pode trazer comsigo a má administração financeira da casa. Pois bem, asseguro-vos que este pensamento he um erro, e seria sem razão que vos capacitarieis de que exagero a importancia que se deva dar á ordem em vossas despezinhas diarias.

Quereis que para prova vos dê como um exemplo uma historia mui verdadeira da qual Voltaire foi o heroe? Creio que concordareis comigo que, posto esse homem celebre tenha sido desgraçadamente accusado e com razão das mais graves faltas, ninguem poz nunca em duvida nem sua penetração nem seu talento. Isso dito e comprehendido, passemos a nossa historia.

Uma senhora mui distincta de outr'ora, amiga de minha avó, disse-me muitas vezes que ouvira contar a marqueza de Villete com quem fora mui unida em sua mocidade, que no dia de seu casamento, antes de ir para a igreja de Ferney, Voltaire que a dotava e casava, lhe dera entre outras cousas um magnifico adereço de diamantes com o qual pessoalmente lhe ornou a cabeça, o pescoço, as orelhas e os braços. Acabada esta ceremonia, a admiração foi geral; a joven e linda noiva brilhava tanto por essas joias como por todo o orgulho de sua nova posição.

— Minha chara filha, disse-lhe então Voltaire, acabo de dar-vos bagatellas, puerilidades, emfim ninharias; os verdadeiros thesouros que vos destino, as verdadeiras riquezas, ei-las agora!

E offereceu mui galantemente a encantadora marqueza um grande livro com capa de marroquim encarnado, toda dourada e fechado por um colchete.

Em um dos lados desse livro liam-se estas palavras: *Receita das rendas do Sr. marquez de Villete*, e no outro, estas: *Despeza da casa do Sr. de Villete.*

— Eis aqui, continuou Voltaire, «o verdadeiro adorno de uma esposa e de uma mãi; não esqueçais pois jamais o uso diario deste livro; fazei que nelle se mantenha o balanço sempre exacto e escrupulosamente, e sereis sempre rica e feliz.»

A marqueza de Villete, accrescentou ainda, a amavel senhora, que isso contára, por suas disposições naturaes, era mais que outra qualquer propria para apreciar e aproveitar este conselho salutar dado de um modo tão paternal e tão terno; por isso foi elle o regulador de sua vida, o que lhe permittio vencer embaraços de fortuna em que uma mulher menos atilada e menos previdente teria deixado naufragar sem nenhuma duvida assim sua propria existencia material como a existencia de seus filhos.

Não considereis tambem nunca, minha filha, como cousa indigna de vossa attenção, as pequenas particularidades de vossa casa, sabei sempre o que nella se passa; crede-me, a falta de ordem não he uma prova de talento, seria antes o contrario. Assim para não citar-vos senão um exemplo ao acaso, dizei-me onde achareis mais conhecimento dos negocios domesticos, mais economia, mais amor da casa do que na espirituosa marqueza a quem sua pena collocou no primeiro lugar entre as mulheres illustres e encantadoras do seculo de Luiz XIV?

Madama de Sevigné, depois da morte fatal do marido, achara sua fortuna no peior estado possivel, e foi em virtude de sua corajosa resolução, em virtude mesmo de suas privações que os filhos acham um dia o mal reparado, a riqueza restaurada.

A propria madama de Maintenon, no auge de seu poder, escrevia a sua cunhada para ensinar-lhe como, com quinze mil libras de renda, se podia ser, não só independente, senão ainda bastante rica para fazer figura no mundo. Eu vi essa carta curiosa, ella pertence a uma amiga minha, em cuja casa faz parte de uma ecollecção de autographos preciosos.

Se o não tendes ainda, buscai contrahir gosto em ornar o vosso interior; conheço muitas mulheres e mulheres de condição elevada, que, por falta de criado proprio, arranjam as cortinas, guarnecem as chaminés, ornam os moveis, em uma palavra fazem essas mil cozuinhas que dão immediatamente elegancia e distincção a um apozento. Desejai imita-las que com um pouco de paciencia o conseguireis.

Uma mulher he julgada á vista da ordem que rei-na em sua casa; não decanseis por tanto jamais sobre vossos criados, lançai uma vista d'olhos de vigilancia sobre tudo, que só isso bastará para manter o bom serviço.

O olho do dono engorda o cavallo, diz um proverbio napolitano; applicai-o em vossa casa e vereis as consequencias.

Madama Campan contava que conhecia um homem de alta posição social, o qual para fixar sua opinião sobre as mulheres em cuja casa era recebido, não se achava jamais só em um aposento sem levantar as almofadas das cadeiras, dos canapés, emfim sem examinar os mais retirados cantos, e se ahi descobria um bordado começado, um lenço machucado, uma fita, um diario despedaçado, dizia logo comsigo. «Estou em casa de uma mulher negligente, em casa de uma pessoa sem ordem ou sem aceio» E nada podia faze-lo reformar este juizo.

Visto que comecei a apoiar meus conselhos com a opinião de mulheres muito mais importantes que eu para insinuar-vos o que se diz e o que se faz em casa de uma pessoa verdadeiramente distincta, quero encerrar minhas citações pelos conselhos que a marqueza de Saint-Lambert dirige á filha sobre a conducta que deve ter para com os criados.

«Acostumai-vos a tratar com bondade a humanidade aquelles que vos servem e vosso serviço com isso andará melhor. Um antigo diz que devemos considerar os nossos criados como amigos desgraçados: isso pode ser um pouco exagerado, mas todavia pensai sem cessar que não deveis senão ao acaso a extrema differença que ha entre vós e elles; por tanto não lhes façais sentir a humildade de seu estado; não aggraveis a sua dor; emfim lembrai-vos que nada ha mais vil como ser altivo para com aquelles que nos estão sugeitos.

«Não useis de termos duros; ha termos que devem ser ignorados de uma pessoa polida e delicada. Sendo o serviço estabelecido contra a igualdade natural dos homens, cumpre procurar adoça-lo. Temos por ventura o direito de querer nossos criados sem defeitos, nós que todos os dias lh'os mostramos? Releva pois soffre-los com paciencia e procurar corrigi-los por nosso exemplo. Quando vos mostrais cheia de zanga e de colera, pois muitas vezes a gente tira a mascara diante dos criados, que espectaculo, que exemplo offereceis então a seus olhos?

«Corrigi-vos pois a vós mesma para ter o direito de reprehende-los. Não deveis ter com elles uma familiaridade de máo gosto, mas deveis-lhes soccorro, bons conselhos e beneficios proporcionados ao vosso estado e ás suas necessidades.

«Cumpre conservar a autoridade na casa, mas uma autoridade branda e protectora; a autoridade da mãi de familia em uma palavra. Tambem não se deve ameaçar muitas vezes um criado em despedi-lo, e ainda que isso vos custe não deveis hesitar em desfazer-vos delle em caso de reincidencia, para que vossas ameaças se não tornem despreziveis diante dos outros; mas tambem não deveis empregar a autoridade severa senão quando a persuasão falha, pois lembrai-vos de que a humanidade e o christianismo vos recommendão antes de tudo a indulgencia. A impaciencia e o ardor da mocidade juntas á falsa idéa que uma mulher moça faz muitas vezes de seu poder nos leva a considerar os criados como pessoas de uma natureza differente da nossa. Ah! minha chara filha, quão contrarios são estes sentimentos á modestia que devemos a nós mesmas, e a caridade que devemos aos outros!

«Não caias entretanto no excesso contrario e não tomeis gosto na lisonja daquelles que vos servem; pois deste modo elles vos governariam e vós vos submetterieis a um jugo tão vergonhoso quanto insupportavel. Para impedir a impressão que os discursos lisongeiros e muitas vezes repetidos de vossos criados podem fazer em vosso espirito, lembrai-vos de que são pessoas pagas para servir vossas fraquezas e vosso orgulho.»

O comprimento desta carta não me permitte, minha filha, ajuntar minhas observações como conclusão desses conselhos tão sabios que madama de Saint Lambert dá a filha; mas se o permittirdes, espero proseguir no mesmo assumpto no proximo correio: então vos direi ainda muitas cousas sobre este capitulo tão importante, pois que elle contem toda a felicidade das mulheres neste mundo; pois aquella que não tem ordem em sua casa não a terá jamais em sua conducta.

Adeos; eu vos abraço como vos amo, isto he de todo o coração.

Condessa de Bassanville.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

Quousque tandem? Até quando comeremos carne em periodo algido, e a vinte pataquinhas?

Se fosse carne viva... *transitei*, mas carne de boi morto, ou bom, que amanhece morto?

Vereis rato amarrar gato,
Voar um boi tambem vereis.
Morrer hoje vivo o boi...
Carne tal não comereis.

Se não tivessemos estas chuvas poderia ser que comessemos melhor carne, porque não morreriam tantos animaes vaccuns, mas os *coruns*?! oh! os coruns nem ficam pretos nem algidos, vendem-se por preço bem cholerico! Aqui está que com *estes* que a terra ha de comer vi vender-se a 16 bataquinhas carne de boi, que amanheceu morto em um curral de certo matodouro. Querem por força que sejamos urubús, ou cachorros de mulhes fadista!

Queixam-se que o medico, que está incumbido da rua Imperial mora no Japão; se assim he, he muito longe para n'um caso repentio acudir aos doentes.

—Queixam-se tambem, que quando chegam para conduzirem um doente para o hospital, conduzem já um cadaver: se assim he, he melhor que vá logo a *cama ambulante*.

— Consta-nos, que tem havido pharmaceuticos tão caridozinhos que mandam comprar por baixo preço as drogas, e as vendem.... ora, isto já está dito!...

—Oh! lá... oh! sio! senhores commandantes de companhias, senhores sargentos!... sio! venham cá!... olhem que temos uma rapaziada lavada, que vão deixar as inspectorias de certos quarteirões; logo que deixem, ou sejam demittidos *qualificacionem me festi*; esses moços oh! lá! tem prestado serviços um!... *pufo* com elles no livro das matriculas.

—No dia 11 de fevereiro, diz o nosso correspondente de Belem, cahio no Rosarinho, da *ranha-reinante* uma escrava, e uma senhora teve logo ao saber uma especie de estupôr cambridge, que quasi a rapa.

—Os habitantes da estrada de João de Barros ainda reclamam providencias sobre os focos epidemicos alli existentes.

— Agradecemos cordialmente em nome dos desvallidos de Beberibe o offerecimento do Sr. Moura pharmaceutico de ministrar-lhes gratuitamente medicamentos.

— O Sr. Joaquim Ignacio Ribeiro tambem pharmaceutico na Boa-vista, não se exime de se prestar aos pobres.

Até amanhãa.

Noticias Diversas.

A Coroa nos Reis não só he insignia tambem he peso: se fugirem com acabeça aos cuidados, perderão a honra da insignia.

A tribulação não he cruel nem injusta, e quasi sempre proveitosa.

D. Aug. t. Med. cap. 30

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1856

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO

MUTILADO